

SAID ALI – sem rótulo.

**O maior e mais completo filólogo. O semanticista.
Walmirio Macedo (ABRAFIL, UFF)**

Said Ali - Manuel Said Ali Ida -, petropolitano, nasceu em 21 de outubro de 1861 e faleceu no Rio de Janeiro em 27 de maio de 1953.

Homem de atividades múltiplas, foi professor de alemão na Escola Militar e no Colégio Pedro II. Em diversos colégios do Rio de Janeiro, lecionou geografia, alemão, francês e inglês.

Chegou até a publicar, em 1905, um compêndio de geografia elementar. Na rota dos estudos linguísticos, dedicou-se aos estudos sincrônicos e diacrônicos. Em ambos deixou a marca de sua genialidade. Pôde mostrar que esses estudos não se antagonizam, pois muitas vezes abrem luzes recíprocas para compreensão. A discussão de alguns opondo a sincronia à diacronia termina ficando sem sentido.

No título deste artigo /Said Ali – sem rótulo/, quisemos dizer que ele foi soberano no campo linguístico que percorreu.

De muitos outros, podemos dizer que se trata do maior especialista, em, por exemplo, fonética, ou em sintaxe etc. Said Ali foi, por exemplo, o maior sintaticista da língua portuguesa. E isso numa área em que há muitos outros grandes. Mas seria pouco dar-lhe esse rótulo, porque estaríamos reduzindo a sua magnitude nas outras áreas do saber linguístico.

No campo sincrônico, deu-nos, entre outros, a sua Gramática Secundária. A sua bibliografia (livros, artigos) não permite no espaço de um modesto artigo esgotar toda a riqueza, profundidade e originalidade.

Seu interesse pela história da língua levou-o a um trabalho da maior envergadura. No prólogo de sua lexeologia, como parte de sua Gramática Histórica da Língua Portuguesa, Said Ali ressalta o terreno vasto, árido e difícil de lavrar que é a perspectiva histórica que se oferece a quem se lembra de estudar o desenvolvimento de um idioma como o português desde a remota fase dos primeiros documentos escritos até os nossos dias.

Compreendeu a importância da diacronia para os estudos de uma língua, sem diminuir o interesse dos estudos sincrônicos. São dois campos distintos de estudos que merecem atenção e que não se excluem.

Hoje, quando vejo o desprezo de alguns pelos estudos diacrônicos, a figura do Mestre me vem de imediato ao pensamento.

Uma característica de sua exposição teórica é que se baseia rigorosamente em textos que compõem a literatura da língua através dos séculos.

A Gramática Histórica da Língua Portuguesa representa para o estudioso um acervo de informações, de lições de extrema utilidade para os estudiosos, tanto da diacronia como da sincronia.

Hoje, dissemos um pouco acima, que a discussão sincronia /v/ diacronia já não tem sentido. A lição de Bernard Pottier deve estar presente no pensamen-

to de todos. Diz o mestre francês, ao tratar desse fato, que há partidários da sincronia e da diacronia, mas que estas não devem opor-se entre si, pois se trata de visões diferentes do mesmo problema. Essas visões, ao contrário de se oporem, devem complementar-se e não podem ser excludentes. É muito importante saber transitar por ambas, sem misturá-las, administrando a sua ciência, a sua competência.

Assim, foi Said Ali que deu sua contribuição no campo sincrônico, que combateu o excesso do método histórico-comparativo, mas que deixou sua marca nos estudos históricos. E não há nisso nenhuma contradição filológica. Representa o equilíbrio do sábio.

A Gramática Histórica de Said Ali é riquíssima em exemplificações e em informações da maior utilidade para os estudos sincrônicos. Toca muitas vezes em pontos que são ainda hoje motivo de discordância entre alguns gramáticos e dá sua opinião segura. É o caso do /o que/ interrogativo.

IPSIS LITTERIS

Origem e emprego do interrogativo o que. Esta forma foi a princípio estranha à língua, mesmo nas interrogações indiretas. Onde mais tarde se generalizou. Restam-nos provas disto em passagens como as seguintes:

Sei bem que (o que) vus vou dizer. (Canc. 36, 155).

Vedes que (o que) lhe rogarei (IB. 75,105).

Em muitos casos o sentido era dúbio, ou pelo menos confuso, porque a palavra /que/ além de pronome também pode ser partícula (conjunção):

eu bem sei que dizem tanto corresponderia ao inglês I know what they say com I know that they say. Daí a necessidade de um expediente e este expediente se encontrou nas expressões /a cousa que/, aquilo que/, ou mais simplesmente /que/.

O confronto de /não sei o que é/ com frases paralelas /não sei quem é/, e /não sei qual é/ determinou o escurecimento da noção demonstrativa no vocábulo /o/, passando ele a funcionar, nas interrogações indiretas, como reforço do pronome /que/.

Admitida a forma /o que/ na interrogação indireta esta dado o primeiro passo para sua admissão nas perguntas diretas. Aqui de fato penetrou menos pelo sentido dúbio da forma primitiva do que por uma questão de ordem fonética. /Que/ tornara-se vocábulo átono; /o que/ possuía acentuação forte, que conservou até hoje.

Essa é a opinião do mestre.

Chamou-me atenção, no mesmo texto, o fato de, tratando dos verbos nocionais e relacionais, ressaltar o significado existencial do verbo SER cujos

vestígios se encontram em frase como /era uma vez um rei (cf. o latim *adhuc sumus e omnium qui sunt, qui fuerunt, qui futuri sunt.* (Cic.)

Essa visão lembra a de Bernard Pottier, quando no capítulo das vozes, inclui a EXISTENCIAL com destaque para os casos do verbo ser, como o citado por Said Ali.

Não termináramos este artigo se continuássemos em comentários das ricas informações de sua gramática histórica.

Não podemos omitir a figura de Said Ali como semanticista. Ao longo de seus textos, a referência à semântica é constante.

No Prólogo de seu livro *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*, escreveu:

Acima do modo, antigo e exclusivista, de ver as coisas, está a indagação histórica. E a investigação da evolução dos fenômenos não se há de limitar às mudanças de fonema e formas gramaticais, mas estender-se às expressões que com o tempo se foram trocando por outras.

Entra-se no domínio da psicologia e da semântica.

Esse livro, na totalidade de seus textos, deve constituir leitura obrigatória para todos os estudiosos da língua portuguesa.

Chamo atenção especial para o capítulo Expressões de situação.

Trata-se de expressões, ou palavras, ou frases que aparecem nas orações, com valor especial para um bom analista, ou desnecessárias, ou de sobra para os que não têm a sensibilidade necessária para compreendê-las. Todos as usam no diálogo. Não são desnecessárias. Muito ao contrário.

Alguns chegaram a chamá-las de expletivos e outros de palavras de realce. O termo expletivo não é uma boa terminologia gramatical, pois na frase tudo tem seu papel. Aqui é a opinião do articulista.

Said Ali nos dá a lição:

É esta situação ou, melhor, são as várias cambiantes de situação existentes no diálogo, na conversação, no trato familiar, que determina o uso dessas expressões concisas, alheias, talvez, à parte informativa, mas capazes de conseguir intuídos que palavras formais não conseguiram. Chamemos-lhes expressões de situação. Elas agendem, ora ao ambiente criado pela presença do ouvinte, ora à situação determinada pelos acontecimentos, ora à disposição do espírito, em virtude de considerações anteriores, quer da pessoa que fala, quer do ouvinte.

Said Ali faz alusão a ‘prováveis pensamentos latentes’, advertindo que não se devem confundir com elipses.

Na sua exemplificação, começa com a palavra /mas/ que, no usual, como conjunção, tem o papel de contradizer, de subtrair algo da anterior, mas que,

num caso particular, serve para fazer referência especial a situação determinada pelo diálogo e pelos acontecimentos.

E exemplifica com o diálogo entre uma criada e o dono da casa sobre alguém que bate à porta:

Dono da casa – Quem é?

Criada - É um senhor.

Dono da casa - Mas quem é?

O /mas/ é resultado de uma situação muito especial, diante de uma resposta pouco esclarecedora, expressando uma impaciência pela referida situação.

O /mas/ pode também indicar franca reprovação a atos alheios, ou provocar uma retomada do diálogo, ou surpresa, ou casos semelhantes, mas todos oriundos de uma situação anterior.

Aponta outros casos que considera expressões de situação que entendendo como verdadeiros esvaziamentos de significados, simplesmente para indicar uma situação nova.

E agora quando volta?

- Eu sei lá? Agora ... só para agosto.

/Agora/ representa uma situação nova. A exemplificação é rica.

Trata-se de um capítulo precioso, de leitura proveitosa para quem gosta de estudar os significados.

No capítulo das alterações semânticas, mostra as mudanças de significado por que passaram várias expressões da língua portuguesa indicando as épocas em que ocorreram.

Trata da extensão do significado, começando com o caso de moléstia e de seu oposto que a semântica chama de restrição. E caminha por várias palavras, como estação, estilo e outras. Trata ainda da polissemia.

Temos neste capítulo a melhor explanação sobre a história da palavra /cabo/ e outras.

É um texto muito rico. Texto de um erudito. De um verdadeiro semanticista. O texto de Said Ali é muito rico e nos leva, ou melhor, nos provoca para pesquisar mais, para estudar mais, para entender mais.

No campo das alterações semânticas, podemos arrolar as palavras /moléstia/, /estação/, /coice/, afogar e outros.

Trata das mudanças de significado com autoridade de semanticista.

Sabe-se que o significado muda no tempo e no espaço e que esse

campo da semântica não mereceu um estudo mais aprofundado por parte dos nossos estudiosos.

O significado pode sofrer dois processos principais de modificação: o da extensão e o da restrição. Ambos se opõem.

Tem-se o caso de embarcar com o significado de entrar em qualquer tipo de condução e não apenas em um barco.

Entende que muitas mudanças de significado são determinadas pela metonímia, pela analogia, pelo eufemismo, pela degradação.

Trata da polissemia e da metáfora. Chega à catacrese (sem indicar o nome), como tipo de metáfora em que qualquer semelhança com a forma basta para a mudança de significado.

Exemplifica com braços do rio, braços da cadeira, por causa da semelhança com a disposição dos membros. Há muitos exemplos, como cabeça de alfinete, cabeça de prego etc.

Indo buscar o significado na história da língua, chama atenção para a nossa expressão /à toa/, que hoje significa /ao acaso/, /a esmo/, mas que na linguagem quinhentista não era outra coisa senão /ser rebocado/.

Interessante é sua observação sobre a palavra /cabo/, do latim *caput*, cabeça.

A palavra /cabeça/, oriunda de *capitium* (neutro *capitia*) assume o lugar de /cabo/, que passou a designar a parte terminal, oposta à cabeça, isto é, a cauda do animal.

Cabo passou a designar o fim, o sítio onde alguma coisa termina, m as caiu em desuso, Dando lugar para rabo e cauda.

Passou a ser equivalente a /enfim, finalmente/.

Hoje o temos no verbo acabar.

Lembra ainda Said Ali que o termo /cabo/ em /cabo de faca, cabo de martelo, de vassoura, de panela/ nada tem a ver com /caput/, mas com o latino /*Capulus*/ do verbo *capere*, tomar, pegar.

Trabalho de verdadeiro semanticista. Todos os casos apresentados e estudados com sabedoria. O leitor interessado não pode deixar de ler.

O objetivo deste artigo é motivar o leitor a ler Said Ali.

Enfim, o livro *Meios de expressão e alterações semânticas* pode ser considerado um clássico da nossa literatura linguística que todos devem ler. É um livro sábio que dá informações valiosas em cada página.

REFERÊNCIAS INDICADAS NO TEXTO

SAID ALI, *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*, FGV, RIO, 1971.

De sua bibliografia, destaco:

Dificuldades da Língua Portuguesa, primeira edição em 1908 e, em 1919, sai a se-

gunda edição, refundida e aumentada com estudos publicados em jornais e revistas e uma conferência realizada na Biblioteca Nacional em 1914. Esta edição sai com mais seis capítulos.

Versificação Portuguesa, em 1949, pelo Instituto Nacional do Livro.

Meios de Expressão e Alterações Semânticas, em 1951, pela Organização Simões.

Acentuação e Versificação Latinas, em 1957, estudos publicados na Revista de Cultura.

Investigações Filológicas, em 1976, pela Grifo Edições.

Lexeologia do Português Histórico, em 1921, completada em 1923 pela *Sintaxe do Português Histórico*.